

# Polícia derruba sonho de favelado

Até helicóptero foi usado para eliminar nova invasão no Paranoá

Uma verdadeira operação de guerra — envolvendo 330 soldados da PM, dos quais 55 a cavalo, além de cães amestrados, agentes da Polícia Civil, Corpo de Bombeiros e um helicóptero — foi a solução encontrada pelo GDF para o problema da invasão formada às margens do Lago Norte por famílias da Vila Paranoá. Na véspera, elas haviam recebido a promessa de remoção para Brasília.

O acordo entre a Secretaria de Serviços Sociais e 28 famílias que seriam recebidas pelo governador José Aparecido, foi atropelado ontem, pela Terracap, que decidiu mandar para a favela 20 fiscais e 12 caminhões, derrubando os barracos sob a garantia do aparato militar. Instalou-se na favela clima de revolta contra o GDF e a prefeitura comunitária da Vila Paranoá. Não houve assistência da Secretaria de Serviços Sociais, e quatro favelados tiveram de recorrer aos bombeiros para socorro médico.

## OPERAÇÃO

As 28 famílias que esperavam condução da Fundação de Serviços Sociais para o encontro no Palácio do Buriti, foram surpreendidas com a chegada, às 8h, das tropas da PM, viaturas do Corpo de Bombeiros, Detran e da 10ª Delegacia de Polícia. O trânsito foi fechado, com policiais postando-se à margem da pista de acesso à barragem do Paranoá, e os cavaleiros tomando a margem direita, onde foram construídos 120 barracos do dia 10 até ontem, segundo o prefeito comunitário Gilson Araújo.

As viaturas do Corpo de Bombeiros, 10ª DP, Detran, Defesa Civil e uma ambulância da Fundação Hospitalar foram colocadas em fila indiana na margem oposta, onde se concentraram 40 soldados do Batalhão de Operações Especiais, comandados pelo tenente Mário. O comandante do 1º Batalhão, major Sá, que assumiu o posto no dia 16 último, coordenou a operação, definida como de "apoio à demolição".

Os bombeiros, comandados pelo capitão Nailton, mobilizaram dois carros pipas e duas ambulâncias, empregando 23 homens. Segundo o capitão Nailton, a presença da equipe visava combater possíveis "incêndios provocados por favelados revoltados".

A atuação dos fiscais da Terracap limitou-se à derrubada dos barracos e colocação dos destroços em caminhões, a fim de recolher o material ao depósito da empresa. Muitos favelados conseguiram resgatar madeiras e telhas, dizendo que iriam construir noutro local. Alguns tiveram móveis e utensílios domésticos jogados nos caminhões, ficando sem saber como reavê-los.

Desorientadas pela ação da polícia e dos fiscais, as famílias buscavam explicação para o que estava acontecendo. A informação que tinham era de que as 28 famílias cadastradas na véspera, em trabalho dirigido pela diretora do Centro de Desenvolvimento Social, Maria das Dores Costa, seriam removidas para Brasília. Maria das Dores esteve, pela manhã, na favela, mas retirou-se ao ver o aparato policial. O único funcionário da FSS presente era o motorista Antônio Isidoro, encarregado do ônibus destinado às famílias que iriam falar com o governador José Aparecido.

O responsável pela operação da Terracap não soube dizer quantos barracos tinham sido derrubados, afirmando "não importar se eram moradores novos ou antigos na área, pois no final das contas são todos invasores de áreas públicas".

## CRISES

A operação realizada no Paranoá provocou crises nervosas em diversos moradores, principalmente mulheres e crianças. O único socorro com que contaram inicialmente foi prestado por Maria Delcione da Silva, atendente lotada no Centro de Saúde e também moradora na favela. Posteriormente, os bombeiros prestaram socorros a quatro mulheres — duas gestantes, uma com hemorragia nasal e outra com crise nervosa.

A única a merecer maiores cuidados foi Líduina Souza Nascimento, grávida de oito meses, removida para o HRAS. As outras três foram atendidas no Centro de Saúde, sem serem identificadas. Outra grávida sentiu-se mal e chegou a ser posta numa maca pelos bombeiros. Contudo, recusou o socorro, preferindo ficar entre os escombros do barraco para que "a Terracap não levasse nada".



Bombeiros socorreram vítimas de crises nervosas provocadas pela perda da casa